

# Diálogos decoloniais, interculturais e entre epistemologias dos povos originários: a VI Semana dos Estudantes Indígenas da UFSCar

Marcos José de Aquino Pereira<sup>\*</sup>

Geovane Diógenes da Silva<sup>\*\*</sup>

Guanilce Falcão Soares<sup>\*\*\*</sup>

Pedro Manoel da Silva Santos<sup>\*\*\*\*</sup>

## Introdução

A diversidade de povos indígenas presente no território atualmente denominado como brasileiro, outrora de diferentes povos originários e com distintos nomes, é gigantesca. O Instituto Socioambiental (ISA, 2021) indica, com base no Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, que existem mais de 305 povos indígenas no país. A Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) é uma das universidades brasileiras com a maior diversidade de povos indígenas atualmente (SILVA; SOUZA; PALOMINO, 2020). Desde o ano de 2008, com a realização de seu primeiro Vestibular Indígena, estudantes indígenas de mais de 46 etnias diferentes estão ou estiveram vivendo no município de São Carlos para estudar (SILVA; SOUZA; PALOMINO, 2020). Nesse *campus*, segundo levantamento interno da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (ProACE) da UFSCar<sup>1</sup>, 196 estudantes indígenas, de um total de 273 em todos os *campi* da UFSCar, encontram-se, neste ano, em formação

---

<sup>\*</sup> Doutorando em Educação, UFSCar.

E-mail: marcosaquino@estudante.ufscar.br

<sup>\*\*</sup> Estudante indígena do povo Pankararu, Graduando em Letras, UFSCar.

E-mail: gegepankararu@gmail.com

<sup>\*\*\*</sup> Estudante indígena do povo Tariana, Graduanda em Educação Física, UFSCar.

E-mail: guanilce@estudante.ufscar.br

<sup>\*\*\*\*</sup> Estudante indígena do povo Pankararu, Graduando em Pedagogia, UFSCar.

E-mail: pedromanoelpg@gmail.com

<sup>1</sup> Obtivemos este dado através do Pró-Reitor de Assuntos Comunitários e Estudantis, Djalma Ribeiro Junior, que gentilmente nos informou que esse levantamento foi realizado em 09/03/2021, indicando a presença de 13 indígenas estudantes no campus de Araras; 16 no campus de Lagoa do Sino; 48 no campus de Sorocaba; 196 no campus de São Carlos, pertencentes a 36 povos indígenas diferentes.

e, em casos de estudantes com famílias, boa parte dos seus/suas companheiros/as e filhos/as os/as acompanham nesta etapa, como temos observado.

A presença indígena, na UFSCar e na cidade de São Carlos, vem se tornando cada vez mais importante e perceptível em diversos âmbitos, seja nas ações promovidas pelo coletivo Centro de Culturas Indígenas (CCI) da UFSCar, como palestras nas escolas públicas e privadas do município e da região, em rodas de conversa e eventos no SESC São Carlos e no SESC Sorocaba, nas Cerimônias de Colação de Grau, em eventos nacionais e internacionais, como o Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas (ENEI), que nasceu na UFSCar em 2013, e segue para a sua IX edição no ano de 2021, já tendo circulado, ano a ano, por todas as regiões do país; seja nas atividades promovidas pelos grupos do Programa de Educação Tutorial (PET) Indígena: “Ações em Saúde” e “Conexões Saberes Indígenas”; nos Grupos de Pesquisa; nos Projetos de Extensão e nos Programas de Pós-Graduação.

Com o intuito de delimitar um período de tempo para que essas trocas culturais e de conhecimentos tradicionais e científicos fossem potencializadas, nasceu, sob a coordenação do CCI e por demanda dos/as próprios/as estudantes indígenas, no ano de 2015, a I Semana dos Estudantes Indígenas da UFSCar. À época, estes estudantes solicitaram que houvesse, na universidade, um momento/espço de diálogo entre os/as indígenas estudantes de diversas regiões e povos do território atualmente denominado Brasil, assim como com a comunidade não-indígena. Desde então, a Semana dos Estudantes Indígenas (SEI) da UFSCar realizou-se anualmente de forma presencial, até que em 2020, devido à pandemia e ao necessário isolamento social, apresentou-se o desafio de realizá-la remotamente.

Alguns meses após a sua realização, em uma roda de conversa que integra a pesquisa de doutorado<sup>2</sup> que está sendo produzida em conjunto com o CCI, os/as estudantes indígenas expressaram o desejo e a necessidade de escreverem artigos científicos para, ao mesmo tempo registrar e divulgar as ações do coletivo e os conhecimentos de seus povos, já que muitos deles valorizam mais a tradição oral, mais características dos povos indígenas, diferentemente da cultura ocidental. Surgiu assim a ideia da escrita coletiva deste artigo, entre três estudantes indígenas da graduação da

---

<sup>2</sup> Pesquisa intitulada “Processos Educativos do Centro de Culturas Indígenas: indiagem, acolhimento, desafio e conquista na Universidade Federal de São Carlos”, conduzida entre 2019 e 2022, por Marcos José de Aquino Pereira, com a participação dos autores e da autora deste texto e de outros/as membros/as do CCI, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Waldenez de Oliveira, na linha de pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos”, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFSCar.

UFSCar sendo dois do povo Pankararu e uma do povo Tariana, e um pesquisador não indígena, doutorando pelo PPGE da UFSCar, tendo como temática a VI SEI, discutindo-a sob as perspectivas decoloniais.

Consideramos ser essa uma ação de educação popular, entendendo que, como “concepção da educação, a educação popular é uma das mais belas contribuições da América Latina ao pensamento pedagógico universal” (GADOTTI, 2017, p. 24) em que um dos seus princípios tem sido a criação de uma nova epistemologia baseada no respeito aos conhecimentos populares, na qual a “[...] diversidade é a marca desse movimento de educação social, popular, cidadã, cívica, comunitária. Trata-se de uma rica diversidade que precisa ser compreendida, respeitada e valorizada” (GADOTTI, 2012, p. 11) o que se relaciona à luta dos/as estudantes indígenas para que os conhecimentos e epistemologias dos povos originários dos quais fazem parte sejam preservados e reconhecidos, contribuindo para uma educação que participe da construção de outras realidades possíveis.

## O modelo civilizatório pautado na Colonialidade e na Modernidade confrontado com a realidade da pandemia

Com a pandemia causada pelo Covid-19 a insustentabilidade da forma de vida humana desenvolvida na Modernidade, sob a perspectiva da Colonialidade, se manifesta de forma ainda mais evidente, como nos alerta Airton Krenak (2019, p. 23):

O que aprendi ao longo dessas décadas é que todos precisam despertar, porque, se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados de ruptura ou da extinção dos sentidos das nossas vidas, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda.

Percebemos que as diversas ações tomadas no combate à pandemia, como o isolamento social, o uso de máscaras e álcool gel, a vacinação, são medidas necessárias para amenizar a situação, salvar vidas e não causar o colapso dos sistemas de saúde pelo mundo, mas insuficientes para solucionar o problema definitivamente, já que foram anos de desmatamento dos *habitats* de diversas espécies, com a conversão do uso da terra (REUTER, 2016; FRUTOS *et al.*, 2020; FRUTOS; GAVOTTE; DEVAUX, 2021) e a antropização de ambientes naturais, fatores de contato humano com seres patógenos (AFELT *et al.*, 2018), gerando surtos de diversas doenças infecciosas humanas e a emergência de novos patógenos (IPBES, 2018).

Vemos que as consequências da pandemia têm impactando de forma mais forte aqueles/as que já se encontravam à margem antes, os/as que estão “[...] a sul da quarentena” (SANTOS, 2020, s.p.), como diz Boaventura Santos, em sua obra “A cruel pedagogia do vírus” (2020, s.p.), incluindo as mulheres, os/as trabalhadores/as informais, as populações de rua, os/as moradores das periferias, imigrantes e refugiados/as, deficientes, idosos/as, e tantos/as outros/as, em que destaquemos, em nosso país, as populações indígenas, tanto as que vivem em aldeias quanto aqueles/as que vivem em áreas urbanas, com diversas dificuldades em acessar a vacinação.

São questões urgentes para agora e também para o futuro, que exigem profundas reflexões, sobre a nossa relação com a natureza e entre nós, que foram exacerbadas pela pandemia, mas já explicitadas pelos impactos ambientais e sociais do atual modelo civilizatório.

### Outras perspectivas e outras epistemologias para uma nova realidade: Decolonialidade, Ecologia dos Saberes, Interculturalidade e Bem-Viver como resistência ao epistemicídio sofrido pelos povos originários

Segundo Boaventura Santos, são esses momentos de despertar que se apresentam como propícios às mudanças, como no pós-pandemia:

A pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum. Esta situação torna-se propícia a que se pense em alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nestes primeiros anos do século XXI (SANTOS, 2020, s.p.).

Dessa forma podemos pensar em diversas propostas para uma sociedade além da Modernidade e da Colonialidade, como a da Transmodernidade, de Enrique Dussel (2016), a Ecologia dos Saberes, de Boaventura Santos (2009) e a da Interculturalidade, de Catherine Walsh (2005), que nos permitam buscar alternativas, que se demonstrem historicamente sustentáveis, e nisso podemos encontrar diversas perspectivas, epistemologias, cosmovisões e formas de se viver milenarmente construídas e vividas pelos povos originários<sup>3</sup> do ora denominado americano, outrora *Abya Yala*, como o

---

<sup>3</sup> Utilizamos ao longo do texto os termos povos originários e povos indígenas como sinônimos, pois partimos das formas narrativas das pessoas autoras e das fontes consultadas, no que encontramos essa variação. Também usamos Estudantes Indígenas, porque é dessa forma que é usual para os/as membros/as do CCI. Temos consciência das discussões e debates sobre o uso deste ou daquele termo

Bem-Viver (MAMANI, 2010; ACOSTA, 2016), muitas das quais foram e têm sido invisibilizadas, subalternizadas e eliminadas, através do sistemático genocídio e epistemicídio, desses povos e de seus conhecimentos:

[...] o genocídio que pontuou tantas vezes a expansão europeia foi também um epistemicídio: eliminaram-se povos estranhos porque tinham formas de conhecimento estranho e eliminaram-se formas de conhecimento estranho porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos (SANTOS, 1999, p. 283).

A valorização das epistemologias eurocêntricas pautadas no discurso científico/racional em detrimento das epistemologias dos povos conquistados é uma das estratégias da Colonialidade, preservada pela Modernidade, para promover e manter a dominação sobre esses povos (DUSSEL, 1993).

Habermas, ao debater a ideologia de fundo na Modernidade, que promove uma fetichização da ciência, criando uma consciência tecnocrática, apresenta a perspectiva de dicotomização entre racionalidade e as cosmovisões tradicionais, ao comentar a visão de Max Weber, sobre o processo de racionalização na sociedade capitalista:

A «racionalização» progressiva da sociedade institucionaliza o progresso científico e técnico. Na medida em que a técnica e a ciência perdem as esferas institucionais da sociedade e transformam assim as próprias instituições, desmoram-se as antigas legitimações. A secularização e o «desencantamento» das cosmovisões orientadoras da ação, da tradição cultural no seu conjunto, é o reverso de uma «racionalidade» crescente da ação social (HABERMAS, 1994, p. 45-46).

Segundo ele: “A eficácia peculiar desta ideologia reside em dissociar a autocompreensão da sociedade do sistema de referência da ação comunicativa e dos conceitos da interação simbolicamente mediada, e em subtítulo por um modelo científico” (HABERMAS, 1994, p. 74), de forma que essa substituição, ao ser promovida pela Modernidade, definindo as epistemologias e os conhecimentos dos povos originários, como desprovidos de racionalidade e cientificidade, e portanto, inválidos e inferiores aos europeus, devendo ser desconsiderados ou mesmo obliterados, o que se

---

para nos referirmos a esses conceitos (vide: Almeida [2020], Doebber [2017] e Lopes [2015]), mas consideramos que não seria algo pertinente aos objetivos deste artigo entrar nesta temática.

deu historicamente, e ainda se dá de forma violenta, tanto com o uso da força e das armas, quanto por meios mais sutis, como a sua invisibilização e subalternização.

Estará na base do Mito da Modernidade a autoafirmação de que a cultura europeia é superior e como consequência que as demais culturas são inferiores (DUSSEL, 1993), consistindo assim “[...] em vitimar o inocente (o Outro) declarando-o causa culpável de sua própria vitimização e atribuindo-se ao sujeito moderno plena inocência com respeito ao ato sacrificial” (DUSSEL, 1993, p. 75-76), do que se deriva que a “[...] Modernidade, como mito, justificará sempre a violência civilizatória” (DUSSEL, 1993, p. 84).

Essas visões das epistemologias hegemônicas eurocêntricas, permeadas pela Colonialidade e pela Modernidade, dicotomizam natureza e ser humano, indivíduo e sociedade, ciência e espiritualidade, sempre em uma perspectiva dualista. As epistemologias e cosmovisões dos povos originários do continente americano, em seu caráter relacional, se apresentam como alternativas a isso (ESCOBAR, 2011).

Dussel (2005, p. 31) propõe uma nova perspectiva, a da Transmodernidade, na qual ocorra uma “[...] co-realização de solidariedade, que chamamos de analéptica, de: Centro/Periferia, Mulher/Homem, diversas raças, diversas etnias, diversas classes, Humanidade/Terra, Cultura Ocidental/Culturas do mundo periférico ex-colonial, etc.”.

Boaventura Santos, concebe a Ecologia dos Saberes como o reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos, em que a ciência moderna é um deles, que se colcam “[...] em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia, entendendo que o conhecimento é interconhecimento” (2009, p. 44-45), dando “consistência epistemológica ao pensamento pluralista e propositivo” (SANTOS, 2009, p. 47), na qual cruzem-se os conhecimentos, sem que haja uma unidade dos mesmos ou uma hierarquia entre eles, inclusive entendendo o conhecimento científico como um deles, buscando, a utopia do interconhecimento, que consiste em aprender os outros conhecimentos sem esquecer dos próprios, promovendo a interação e interdependência entre os saberes científicos e não científicos, com a recuperação e a necessária valorização desses para que se igualem ao *status* daqueles (SANTOS, 2009), de forma que:

A nova epistemologia e a nova psicologia anunciadas e testemunhadas pela utopia assentam na arqueologia virtual presente. Trata-se de uma arqueologia virtual porque só interessa escavar sobre o que não foi feito e, porque não foi

feito, ou seja, porque é que as alternativas deixaram de o ser (SANTOS, 1999, p. 279-280).

Perspectivas do Sul, do Outro, dos povos que foram subjugados, mas que resistiram, como as do Bem-Viver (MAMANI, 2010; ACOSTA, 2016) que rompem com a lógica eurocêntrica/antropocêntrica, entendendo o ser humano em unidade com a natureza, como afirma Krenak (2019, p. 10) em uma perspectiva de que tudo é natureza, inclusive a humanidade: “fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza”.

O Bem-Viver é um conceito derivado dos termos *suma qamaña* (Aymara) e *sumak kawsay* (Quéchuá), que seriam traduzidos com maior fidelidade ao seu significado original, por Viver em Plenitude (MAMANI, 2010), presente entre diversos povos originários do continente americano, fruto de suas cosmovisões (CONTRERAS BASPINEIRO, 2016), referindo-se a suas formas de viver, refletidas em suas práticas comunitárias de respeito, harmonia e equilíbrio com a todos os seres, em um entendimento de que todas as vidas estão interconectadas, interdependentes e inter-relacionadas (MAMANI, 2010), que exige uma outra ética, que contemple relações mais afetivas e solidárias e não utilitaristas e individualistas, e sob uma outra lógica, a da Interculturalidade.

Segundo Catherine Walsh, o conceito de Interculturalidade refere-se a um processo dinâmico e permanente de relações, de comunicação e aprendizagem ocorrido entre culturas diferentes, em condições de respeito, de legitimidade mútua, de simetria e de igualdade (WALSH, 2005), sendo a sua realização em si, um processo de Decolonialidade, uma forma de insurgência, com os objetivos de desafiar e derrubar as estruturas sociais, políticas e epistemológicas da Colonialidade, em um projeto de existência, de vida (WALSH, 2007).

## Percurso metodológico

Este estudo surgiu da percepção dos autores e da autora da necessidade de se refletir criticamente sobre a importância da VI SEI, partindo das memórias de suas vivências na organização e participação no evento e por isso optamos pela metodologia de relato de experiência, que consiste em:

[...] uma modalidade de cultivo de conhecimento no território da pesquisa qualitativa, concebida na reinscrição e na elaboração ativada através de trabalhos da memória, em que o sujeito cognoscente implicado foi afetado e construiu seus direcionamentos de pesquisa ao longo de diferentes tempos. Isso posto, conjugará seu acervo associativo agindo processualmente, tanto em concomitância com o evento, como trazendo o produto processado pelas elaborações e em suas concatenações, e, finalmente, apresentará algumas das suas compreensões a respeito do vivido (DALTRO; FARIA, 2019, p. 229).

Seguimos a inspiração fenomenológica, através da perspectiva de ir “às coisas mesmas” (GARNICA, 1997, p. 116) que remete à perspectiva dos povos originários de que a natureza “ensina a olharmos as coisas como elas são e não como gostaríamos que fossem” (MUNDURUKU, 2019, p. 36), de forma que, buscamos um desvelamento que parta de visões de quem iniciou o evento, e dessas visões ao serem lembradas e compartilhadas, ensejem o debate, que possibilite a identificação de unidades de significado, a construção de categorias, de forma que as “generalidades resultantes dessa análise iluminam uma perspectiva do fenômeno, dado seu caráter perspectival” (GARNICA, 1997, p. 117), possa ser refletido através da intersubjetividade entre os/as sujeitos/as envolvidos/as (GONÇALVES JUNIOR *et al.*, 2021).

Utilizamos como técnica a escrita coletiva, com espaço para o diálogo, a escuta e o debate de ideias e de opiniões, com o uso de recursos tecnológicos para a comunicação entre as pessoas autoras, devido à realidade da pandemia, realizando uma recordação individual de nossas memórias sobre nossas experiências no evento, selecionando o que consideramos mais relevante relacionado à realidade atual, desenvolvendo a escrita narrativa e em seguida procedendo a nossa análise crítica, buscando relacionar essa parte narrativa à fundamentação teórica por nós desenvolvida, chegando assim às nossas considerações, que entendemos, devem manter um caráter de abertura à outras possíveis interpretações, representando tão somente as nossas reflexões e visões enquanto algumas das pessoas que participaram da organização e realização do evento.

Buscamos registrar com um maior detalhamento aquilo que foi apresentado e debatido pelos/as palestrantes durante o evento, com o objetivo, ao mesmo tempo, de gerar o registro desse conteúdo para reflexão e utilização de futuros/as membros/as do CCI e divulgar as ideias e conceitos ali explicitados, de uma forma mais ampla, para outros/as indígenas e não indígenas.

## **Vozes da interculturalidade, da decolonialidade e das epistemologias dos povos originários na VI SEI**

A Semana dos Estudantes Indígenas da UFSCar é realizada a cada ano como forma de demarcar o território dentro da universidade, no sentido de reafirmar os valores étnicos e culturais das diversas culturas presentes neste espaço. Organizada pelo Centro de Culturas Indígenas, em parceria com a Pró-Reitoria de Graduação (ProGrad), Coordenadoria de Acompanhamento Acadêmico e Pedagógico para Estudantes (CAAPE) e Secretaria Geral de Ações Afirmativas Diversidade e Equidade (SAADE).

Em sua primeira edição, em 2015, abordou o tema “Indígenas – Reconstruindo a história do Brasil”. Em 2016, na II SEI, o tema central foi “Indígenas – O outro lado da História”, dando continuidade temática ao primeiro evento, com discussões ainda mais aprofundadas em relação à organização cultural dos povos indígenas. Em 2017, na III SEI, o tema foi “Você sabe o que eu sei?”, abrangendo ainda mais os conhecimentos e discussões acerca da cultura e identidade dos povos indígenas. No ano de 2018, na IV SEI, houve a necessidade de fazer um paralelo entre os conhecimentos adquirido na aldeia com a vivência na Universidade, abordando como tema geral “Acadêmicos Indígenas: Propondo diálogo entre ciência e conhecimento tradicional”, trazendo uma visão de mundo para que as pessoas pudessem conhecer como funciona a organização cultural dos povos indígenas em meio ao conhecimento tradicional passado de geração em geração. No próximo evento, em 2019, na realização da V SEI, foi pensado pelo CCI que seria importante apresentar uma temática que realizasse um histórico das lutas e conquistas dos/as estudantes indígenas na UFSCar e para isso foi escolhido como tema geral “12 anos da presença indígena na UFSCar: Vivência, resistência e conquistas”.

Devido à pandemia causada pelo COVID-19, tornou-se inviável que o evento ocorresse em 2020 de forma presencial. Surgiu assim o debate dentro do CCI sobre como proceder diante dessa situação.

Após diversas conversas concluímos que seria de grande importância a realização do evento, mesmo que de forma virtual, pois já se tornara um espaço conquistado e não deveríamos abrir mão dele, especialmente com todas as dificuldades causadas aos/às estudantes indígenas pela pandemia, com muitos tendo voltado às suas aldeias, e com as reduzidas oportunidades de encontro, causados por essa realidade, ficando muito forte o entendimento de que a realização desta semana de encontros era em si uma ação de resistência.

Tornava-se um ponto chave a utilização de recursos tecnológicos de comunicação para viabilizar a VI SEI, no que foi solicitado o apoio do doutorando que está realizando a pesquisa junto com o CCI, um dos autores deste artigo e, que sugeriu a utilização da plataforma Stream Yard, permitindo a transmissão através da página de Facebook do coletivo.

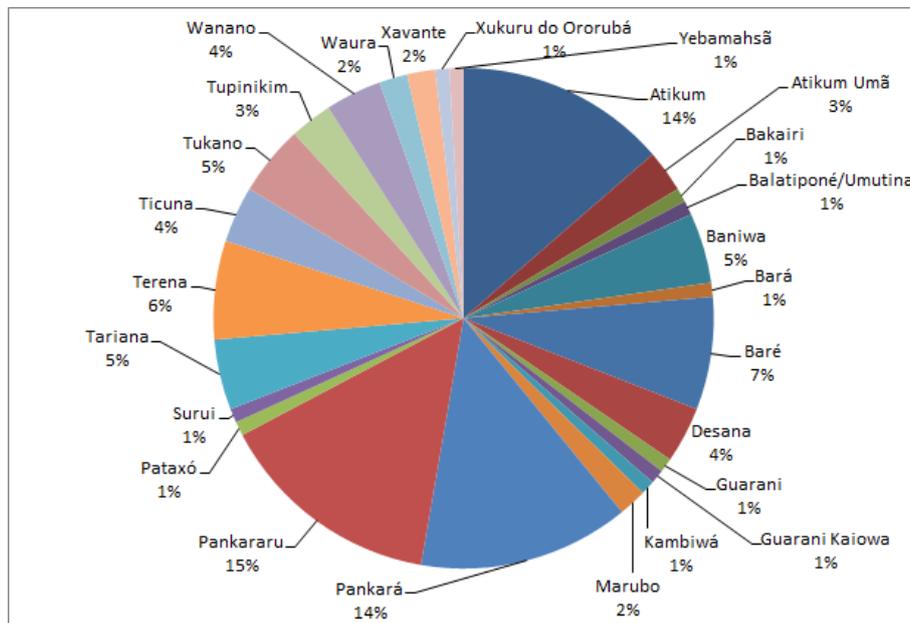
Tendo a coordenação dos/as estudantes indígenas, pessoas autoras deste artigo, e de outros/as membros/as do CCI, foram realizadas reuniões de preparação e organização do evento que contaram com a participação da professora doutora Thais Juliana Palomino e Rubens Roberto da Palma Durães, representantes da Coordenadoria de Acompanhamento Acadêmico e Pedagógico para Estudantes (CAAPE, da ProGrad/UFSCar), foi elaborado o projeto, contendo definição de temas, datas, horários e palestrantes, definição das funções de cada um/a, foram produzidos materiais para divulgação, convites para palestrantes, formulários *on-line* de inscrição e registro de presença em cada noite do evento.

Definiu-se que a temática deste ano seria relacionada à realidade da pandemia, tendo a educação e a saúde como eixos condutores, da primeira e da segunda noite do evento, respectivamente, sendo a terceira noite reservada às lideranças indígenas. Também foram incluídas apresentação dos Programas de Educação Tutorial (PET) Indígenas da UFSCar, “Conexões Saberes Indígenas” e “Ações em Saúde”, e um momento cultural com apresentação musical.

Em toda essa organização houve a preocupação de garantir a diversidade de povos indígenas e regiões do Brasil representadas pelos/as palestrantes e também facilitar o acesso dos/as estudantes indígenas, inclusive com a solicitação aos setores responsáveis da universidade do envio de *chips* de celulares com crédito para o acesso à rede 4G, o que infelizmente não ocorreu a tempo do evento.

Assim, a VI Semana do Estudante Indígena foi realizada entre os dias 2 e 4 de dezembro de 2020, com atividades no período noturno, tendo como temática “Os reflexos da pandemia por COVID-19 no contexto da educação e saúde dos povos indígenas”, contando com 224 inscritos, dos quais 121 se declararam como indígenas (54%), pertencentes a 26 povos indígenas diferentes (Gráfico 1), de todas as regiões do país, em sua maioria estudantes universitários, de 35 cursos diferentes.

Gráfico 1. Distribuição de participantes indígenas por povo a que pertencem



Fonte: Elaborado pelos autores e pela autora (2021).

Na primeira noite do evento as temáticas abordadas pelos/as palestrantes foram sobre as dificuldades de acessibilidade dos/as estudantes indígenas diante da pandemia causada por Covid-19, com a estudante indígena do curso de Pedagogia da UFSCar, Claudiana Baré, do povo Baré, do Amazonas, contando suas vivências e de suas/as colegas nesse período. Em seguida, a mesa temática trouxe as questões de gênero na educação indígena, com a educadora, pesquisadora e mestre em antropologia pela UFPE, Elisa Urbano Ramos, do povo Pankararu, de Pernambuco, discutindo a mulher indígena, o feminismo comunitário e o movimento LGBTQIA+. Como último palestrante da noite, o pedagogo e mestre em Linguística pelo Museu Nacional/UFRJ, Jocelino Tupinikim, do povo Tupinikim, do Espírito Santo, falou sobre a educação escolar indígena e sobre os desafios e as realizações no ensino da língua materna em sua comunidade, no Centro Cultural Tupinikim Ka'arondarapé.

Também houve a apresentação de membros/as do PET “Conexões Saberes Indígenas” abordando as ações desse programa, destacando sua atuação no apoio aos/às estudantes indígenas, especialmente nos campos de pesquisa e ensino, contribuindo em suas lutas pela conquista e manutenção de espaços na universidade, em busca de uma maior valorização das aprendizagens interculturais, ampliando assim a percepção da presença indígena nos *campi*. Foi buscada a interação entre palestrantes

e participantes através de perguntas via *chat*, que eram lidas pelos/as mediadores estudantes indígenas, o que se repetiu em todas as noites.

Imagem 1. Cartazes de divulgação da VI SEI:



Fonte: Acervo do CCI (2020).

Na segunda noite foram palestrantes 3 profissionais da saúde indígenas, a enfermeira graduada pela UFSCar, Ariele Gomes Botelho, do povo Terena do Mato Grosso, a gestora em saúde, graduada pela UnB, Jennifer Benedito de Oliveira Pêgo, do povo Tupinikim do Espírito Santo, e o médico Orinaldo Senna, do povo Kaxinawá, do Acre, compartilhando as suas experiências e vivências, em sua atuação e contribuições no combate ao Covid-19, em suas comunidades, e quais conhecimentos e práticas da medicina tradicional indígena têm contribuído para a prevenção, o tratamento e combatem a circulação do vírus nas aldeias. Os palestrantes desta noite foram compostos por indígenas de 3 Estados do Brasil, que em suas falas destacaram a importância da valorização dos conhecimentos ancestrais e da promoção do diálogo intercultural, garantindo a diversidade e troca de conhecimentos entre as comunidades indígenas e dessas com a sociedade não indígena.

Também houve a apresentação de membros/as do PET Indígena “Ações em Saúde” que abordaram os seus objetivos ligados a melhoria da saúde nas comunidades e ao reconhecimento e valorização das práticas tradicionais indígenas em saúde, e

contaram suas vivências nas diversas atividades realizadas na universidade e junto à comunidade são carlense, nos anos anteriores.

E em sua última noite de evento palestraram 2 lideranças indígenas, o cacique Ary Bastos, do povo Pankará, do Estado de Pernambuco, e o cacique Delmir Tikuna, do povo Tikuna, do Amazonas, que trouxeram as realidades de suas comunidades, destacando dificuldades e desafios enfrentados durante a pandemia.

O cacique Ary abordou como a realidade da pandemia impactou na vida de seu povo, na realização de rituais pelos pajés, no uso da tecnologia para comunicação e conscientização das comunidades, nos cuidados para preservar a saúde e a vida dos/as mais idosos/as, ressaltando a importância da espiritualidade de cada povo, destacando a relevância, nesse momento, da manutenção da organização e mobilização das lideranças indígenas na luta política por seus direitos. Falou de sua visão sobre a necessidade de se encontrar um equilíbrio na relação entre os conhecimentos tradicionais e a ciência não indígena, como saberes complementares entre si, dando como exemplos, no combate à pandemia, o uso de plantas medicinais pela medicina tradicional indígena e a expectativa pelas vacinas desenvolvidas pela medicina não indígena. Também apresentou a sua perspectiva para o pós-pandemia, dizendo que acredita que o novo vírus trouxe diversas lições, especialmente sobre o que cada um faz com a sua vida, a relação com os outros e principalmente com a natureza, e acredita que haverá muitas mudanças na forma como as pessoas enxergam essas questões, entendendo que os conhecimentos e maneiras de viver, presentes nas culturas indígenas, serão fundamentais na construção deste mundo do futuro.

O cacique Delmir trouxe a triste notícia da morte de seu vice cacique, em decorrência de complicações causadas pelo novo Coronavírus, informando que muitos/as indígenas de sua comunidade também foram contaminados/as, sendo que ele próprio e a sua família ficaram doentes, e com o uso de práticas da cultura tradicional se curaram. Referiu-se, em sua fala, à busca de seu povo por uma vida autônoma, utilizando seus conhecimentos ancestrais e também os conhecimentos não indígenas para o bem-estar da comunidade. Contou sobre os preconceitos que os/as indígenas vivenciam quando visitam a cidade de Manaus. Também destacou a importância dos/as estudantes indígenas nas universidades brasileiras, que trazem conhecimentos diferentes para os seus povos. Ao final de sua fala recebeu as condolências do cacique Ary, que reafirmou que os diferentes povos indígenas, mesmo distantes geograficamente, estão sempre juntos, dividindo suas angústias e tentando se ajudar mutuamente, como parentes.

E para o encerramento da noite e do evento o artista indígena cantor e compositor, mestre e doutorando em música pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Anderson Cleomar, do povo Pankararu, de Pernambuco, que apresentou um repertório com composições suas, no seu entendimento da música como forma de ativismo, com letras de inspiração em temáticas indígenas que abordaram questões da Decolonialidade, da cultura ancestral, da relação com a natureza e do Bem-Viver, que receberam diversos elogios, comentários e agradecimentos dos/as participantes, através do chat.

Imagem 2. Alguns momentos da I Semana do Estudante Indígena.



Fonte: Acervo do CCI (2020).

Na análise dessas nossas memórias do evento, após debatermos sobre as unidades de significado presentes em nossa narrativa, identificamos: forma de demarcar o território da presença indígena dentro da universidade; um espaço conquistado para

afirmação da identidade indígena, busca de uma maior valorização das aprendizagens interculturais, dos conhecimentos, cosmovisões e epistemologias indígenas, combatendo o preconceito contra as culturas indígenas e os/as estudantes indígenas; espaço para diálogo entre conhecimentos indígenas e não indígenas; promoção do discurso decolonial e intercultural pelas vozes indígenas na diversidade de povos ali representados; percepção das diferenças nas visões e realidades de cada povo, evidenciadas pela forma como se relacionaram com a pandemia, e ao mesmo tempo a unidade de serem indígenas, entendendo-se todos/as como parentes; referência a perspectivas e a modos de vida com outra relação entre as pessoas e a natureza e a noção de que isso servirá como base para a construção do futuro indígena e não indígena. Isso nos remeteu às categorias: Resistência dos Conhecimentos, Cosmovisões e Epistemologias Indígenas; Decolonialidade; Interculturalidade; Presença Indígena; Bem-Viver; Diversidade/Unidade da Identidade Indígena.

## **Nossas considerações**

Diante de um cenário pandêmico mundial, em que sobressaem-se as contradições e a insustentabilidade do modelo civilizatório sustentado pela Modernidade e pela Colonialidade, cabe aqueles/as que resistiram e resistem historicamente a esse modelo, superando genocídios e epistemicídios, os povos indígenas, continuarem reafirmando as suas identidades, os seus conhecimentos e os seus modos de vida, frutos de outras cosmovisões e epistemologias, que não dicotomizam os seres humanos e a natureza, pautando-se por relações diferentes entre si e com os demais seres vivos e partindo de uma percepção mais ampla que não limita o saber à racionalidade e a ação à utilidade, que remete às perspectivas do Bem-Viver.

Essa resistência também é realizada, quando, diante dos desafios e dificuldades dessa mesma pandemia, tivemos que nos adaptar, enquanto estudantes indígenas e pesquisador, a um formato muito diferente do que estávamos acostumados/as, e nos lançamos a promoção de uma insurgência, ao propormos uma Semana dos Estudantes Indígenas totalmente remota, com o uso de tecnologias de comunicação, abarcando palestrantes indígenas e participantes indígenas e não indígenas de todo o território nacional, que acompanharam, de suas aldeias, cidades, universidades, 3 noites de debates permeados pela Interculturalidade e pela Decolonialidade, demonstrando-se, o espaço virtual, como um promissor campo para as lutas em busca da ampliação da presença indígena.

Evento esse em que foram abordados tópicos de várias questões direcionadas para a temática indígena. Reflexões, críticas, soluções, metas, objetivos para o

fortalecimento da presença indígena na universidade e nas sociedades indígenas e não indígenas. Ali foi promovida a troca de conhecimentos, experiências de estudantes indígenas, graduandos/as e egressos/as e também não indígenas, em que procuramos desmistificar a imagem preconceituosa, que infelizmente ainda se tem do universitário indígena, dentro dos espaços acadêmicos. Foi um espaço aberto, abordando temas diversos, sobre política, identidade, língua materna, questões de gênero, saúde e educação da diversidade dos povos indígenas ali presentes. Também foi um momento de muitas reflexões entre os/as estudantes indígenas, trazendo suas experiências, desafios, dificuldades e expectativas, temas sobre a questão da permanência, saúde mental, da formação dos/as estudantes indígenas, em tempos de pandemia.

Nossa percepção é que a SEI, enquanto ação de educação popular anual do coletivo CCI, é um dos espaços conquistados na UFSCar que mais oferece oportunidade dos/as estudantes indígenas manifestarem e conhecerem mutuamente as suas culturas e compartilharem suas vivências dentro do convívio universitário, o que contribui para sua reafirmação pessoal de identidade indígena, sua permanência e também para a afirmação da presença indígena nos *campi* e para a sociedade.

Assim, como propõe a Ecologia dos Saberes, a SEI propicia o diálogo entre os conhecimentos acadêmicos e os conhecimentos tradicionais, possibilitando o fortalecimento de ambos na formação do/a estudante indígena. O diálogo entre esses conhecimentos é fundamental para os/as profissionais indígenas egressos da UFSCar, que atuarão em suas respectivas comunidades, assim como contribui para a formação de todos/as os/as profissionais formados/as pela Universidade na medida que os/as educa para reconhecerem e respeitarem a diversidade cultural brasileira a partir da presença dos/as estudantes indígenas na universidade.

## Referências

ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

AFELT, A.; DEVAUX, C.; SERRA-COBO, J.; FRUTOS, R. Bats, Coronaviruses, and deforestation: Toward the emergence of novel infectious diseases? Lausanne (Switzerland): **Frontiers in Microbiology**, 2018.

ALMEIDA, H. A. P. Gonçalves de Magalhães em Defesa dos Povos Indígenas no Brasil: uma querela contra Varnhagem “Os indígenas do Brasil perante a História”. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, v. 33, n. 2, jul./dez. 2020.

CONTRERAS BASPINEIRO, A. Aruskipasipxañanakasakipunirakispaw. In: SIERRA CABALLERO, F.; MALDONADO, C. E. (Eds.). **Comunicación, decolonialidad y buen vivir**. Quito (Equador): CIESPAL, 2016. p. 59-94.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.

DOEBBER, M. B. **Indígenas estudantes nas graduações da UFRGS**: movimentos de re-existência. 2017. 302 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

DUSSEL, E. 1492. O encobrimento do outro. A origem do “mito” da Modernidade. Conferências de Frankfurt. Tradução: Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

DUSSEL, E. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 55-70.

DUSSEL, E. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 31, n. 1, abr., p. 51-73, 2016.

ESCOBAR, A. Uma minga para el posdesarrollo. **Signo y Pensamiento** – Puentes de vista. n. 58, v. XXX, p. 306-312, 2011.

FRUTOS, R.; GAVOTTE, L.; DEVAUX, C. A. Understanding the origin of COVID-19 requires to change the paradigm on zoonotic emergence from the spillover model to the viral circulation model. **Infection, Genetics and Evolution**, mar. 2021.

FRUTOS, R.; LOPEZ ROIG, M.; SERRA-COBO, J.; DEVAUX, C. A. COVID-19: The conjunction of events leading to the coronavirus pandemic and lessons to learn for future threats. **Frontiers in Medicine**, v. 7, n. 223, p. 1-5, maio 2020.

GADOTTI, M. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. **Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária**. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v. 18, n. 1, dez. 2012.

GADOTTI, M. Paulo Freire e a educação popular. **Revista Trimestral de Debate da FASE**, n. 31, p. 21-27, jul./set., 2007.

GARNICA, A. V. M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 1, n. 1, p. 109-122, ago. 1997.

GONÇALVES JUNIOR, L.; SILVA, P. B. G. S.; CARMO, C. da S.; AYALA-ZULUAGA, J. E. Aprender a investigar: la postura y el método soportado por la fenomenología. In: TORO-ARÉVALO, S. A.; VEGA-RAMÍREZ, J. (Orgs.). **Manifestaciones de la motricidad humana**: brotes desde el sur. Valdivia: Ediciones UACH, 2021. p. 59-80.

HABERMAS, J. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, [1968] 1994.

IPBES. Summary for policymakers of the regional assessment report on biodiversity and ecosystem services for the Americas of the intergovernmental science-policy Platform on Biodiversity and ecosystem services. **IPBES secretariat**, Bonn (Alemanha): IPBES Media, 2018.

ISA. Quantos são? **Instituto Socioambiental**, 2021. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Quantos\\_s%C3%A3o%3F](https://pib.socioambiental.org/pt/Quantos_s%C3%A3o%3F). Acesso em: 20 maio 2021.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

LOPES, A. B. **Indígenas em universidades públicas do Rio Grande do Sul: uma perspectiva etnográfica**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

MAMANI, F. **Buen vivir/vivir bien**. Filosofia, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas. Lima: CAOI, 2010.

MUNDURUKU, D. **Das coisas que aprendi: ensaios sobre o bem-viver**. 2. ed. Lorena: DM Projetos Especiais, 2019.

REUTER, K. E. Using stable isotopes to infer the impacts of habitat change on the diets and vertical stratification of frugivorous bats in Madagascar. San Francisco: **PLoS One**, 2016.

SANTOS, B. S. **Pela Mão de Alice**. O Social e o Político na Pós-Modernidade. 7. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do sul**. Coimbra: Almedina/CES, 2009. p. 23-71.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SILVA, G. D. da; SOUZA, M. M. de; PALOMINO; T. J. O processo de construção e desenvolvimento do acompanhamento pedagógico para e com estudantes indígenas na UFSCar. In: MELLO, R. R de; REYES, C. R. (Org.). **Indi-age: a presença indígena na universidade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

WALSH, C. **La educación intercultural en la educación**. Lima: Ministerio de Educación, Peru, 2005.

WALSH, C. Interculturalidad crítica/pedagogia decolonial. In: **Memórias del Seminario Internacional “Diversidad, Interculturalidad y Construcción de Ciudad”**. Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2007.